

## Opinião

## (H)À EDUCAÇÃO

**Mónica Lourenço\***

monicalourenco@ua.pt



**Educar para a cidadania global: possibilidade ou utopia?**

São oito horas da noite do dia 25 de dezembro. Jantar de família. Os sorrisos e o calor aconchegante da lareira fazem crer que será uma noite bem passada. Mas, hélas, eis que surge a temida questão: “Como vai o teu trabalho?”. “Tudo bem”, respondo, laticamente. “Estás na Universidade, não é?”, insiste a mesma voz. “Sim”, replico, enquanto engulo um bocadinho generoso de bacalhau. “O que estás a fazer?”, ergue-se outra voz do fundo da sala. “Investiga”, avança a voz inicial. “Investiga o quê?”, retoma a voz do fundo da sala, genuinamente interessada. Paro de comer, olho diretamente para a minha interlocutora e sorrio: “Como educar professores para a cidadania global”. “Ah... cidadania”, exclama a minha interlocutora, visivelmente desiludida. “Não sei, pensei que fosse

algo mais ligado às ciências”. Baixo a cabeça, um silêncio incómodo instala-se na sala enquanto dou mais uma garfada numa couve teimosa. Não fosse o grito entusiasmado de uma das crianças na descoberta antecipada dos presentes natalícios e o jantar teria ficado irremediavelmente arruinado.

Apesar da ficção associada à descrição deste relato (perdoe-me o leitor a liberdade artística), a conversa retratada é um reflexo de tantas outras que ao longo destes anos fui tendo com familiares e amigos, colegas de profissão e alunos. A conclusão a que cheguei, depois de uma análise mais distanciada e menos emotiva, é que muitas das desconfianças associadas à educação para a cidadania global derivam de representações pouco claras sobre o conceito. Os textos de instituições internacionais definem cidadania global como um sentimento de pertença a uma comunidade alargada e a uma humanidade comum. Não obstante, a beleza deste tipo de definições, a realidade é que pouco dizem de concreto. Por isso, caro leitor, permita-me que concretize.

Ser um cidadão global é compreender que as nossas ações têm consequências no modo como todos vivemos e na vida das gerações futuras. É estar atento aos outros e aprender com eles. É

estar desperto para os desafios atuais, informando-se e procurando soluções em conjunto. É fazer erguer a voz em prol dos direitos humanos e do respeito pela diversidade. É tirar as mãos dos bolsos e mobilizar-se para a transformação social, acrescentando valor à comunidade. É construir uma “casa comum” mais sustentável e inclusiva.

Projeto utópico e impossível de concretizar? Para alguns, certamente. Afinal, o que é a utopia se não a descrição imaginária de uma sociedade ideal que existe para lá do tempo e do espaço. Porém, a impossibilidade de substituir a realidade pelo ideal não impede a construção de uma realidade outra, mais próxima do que idealizamos. É esta conceção de educação como prática utópica que atravessa o discurso pedagógico de Paulo Freire e que alimenta a esperança e o desejo de mudança. A educação, enquanto arma poderosa, para mudar o mundo, nas palavras de Nelson Mandela, apresenta-se como o trajeto humano rumo à utopia. Mas concretizemos de novo.

Atualmente, são conferidas às escolas oportunidades de (re)pensar os currículos, com mais autonomia e flexibilidade, delineando caminhos assentes no desenvolvimento de competências que permitam aos alunos desenvolver uma conduta cívica que privilegie a igualdade nas relações interpessoais e o respeito pelos direitos humanos. Valoriza-se também um perfil de aluno enquanto cidadão autónomo e responsável pela

construção de sociedades mais justas. Da autoria de organizações da sociedade civil e de instituições do Ensino Superior surgem guiões pedagógicos com propostas para trabalhar a cidadania global a partir do currículo ou em contextos não formais. Estes desenvolvimentos mostram-nos que é esta a altura certa e o momento oportuno para, em conjunto (investigadores, professores, alunos, pais e comunidade), tornarmos possível a utopia! ◀

*Artigo escrito ao abrigo do novo Acordo Ortográfico*

\* Centro de Investigação em Didática e Tecnologia na Formação de Formadores (CIDTFF) da Universidade de Aveiro



**Ser um cidadão global é compreender que as nossas ações têm consequências no modo como todos vivemos**

## Mãe, na minha sala há um semáforo!

Mãe, obrigada por transformares o que eu sinto em ideias organizadas e com tanto sentido. Obrigada por me explicares o mundo, por permitires que os meus olhos alcancem mais do que os meus seis anos. Tudo o que dizes é sempre tão certo! Sabes, eu pensava que a palavra balanço era o masculino de balança, mas tu explicaste tão bem, mamã, que o balanço é algo mais, que é o que fica depois de compararmos as coisas boas e menos boas que nos acontecem. E quando disseste: “Filha, queres fazer um balanço da tua experiência na nova escola?”, eu já sabia o que querias... Decidi então estar mais atenta ao que acontece à minha volta. Para fazer um balanço a sério!

O que levei para esta nova escola foi o que aprendi em seis anos. E, sabes, tudo o que me disseste estava certo e eu estou mesmo, mesmo a gostar. Mas penso que desconhecias o semá-

foro da nossa sala... que deve ser parecido com os semáforos da rua porque tem as mesmas cores, o verde para seguir, o vermelho para parar e o amarelo para pensar bem.

Eu pensava que na escola devíamos seguir sempre em frente, mas com um semáforo é difícil. Ou este semáforo não é igual?

Não que eu esteja preocupada... para mim o sinal está sempre verde e eu sigo em frente. Porto-me bem, aprendo rápido e nunca, ou quase nunca, me atrapalho. Mas não é bem assim com todos... acredita, se a sala fosse a rua e os meninos fossem carros, muitos dificilmente atingiriam destino algum. Um carro que funciona faz pouco ruído e não anda aos solavancos. Mas se algo não estiver bem, anda devagar, faz mais ruído e pode deitar fumo. Pois é assim na minha sala. Alguns meninos fazem ruído, tentam avançar, mas não querem ou não conseguem. E eu penso, como podem não querer,

se todos nós desejamos aprender? Como podem fazer ruído se os espera um sinal vermelho que os fará parar?

Tenho pensado sobre isto e cheguei a várias conclusões. A escola não é a rua, por isso não deve ter semáforos. (Se algum dia eu tiver uma luz amarela que seja não vou ter coragem de ver a tua reacção!) Além disso, tenho quase a certeza de que todos os meninos querem aprender. Alguns são mais distraídos e nem sempre ouvem o que a professora ensina. Outros não conseguem estar sentados; saem do lugar e afiam os lápis vezes sem conta. Outros fazem uma cara estranha que eu acho que é mesmo por não perceberem. E ainda há alguns que entram tristes na sala, por isso talvez andem com problemas. Todos eles ficam contentes com a luz verde, mas é tão raro que até fazem de conta que não se importam. Mesmo assim, nesses dias parecem carros novos, silenciosos e velozes.

Mas esses momentos são mesmo muito raros, porque para eles o semáforo está quase sempre vermelho, porque saíram do lugar, falaram demais ou erraram uma conta. Sendo assim, param e estacionam. É bem mais prudente estacionar um carro avariado do que partir por aí aos solavancos, parar no meio da estrada e não conseguir sair do lugar, enquanto todos à volta apitam, reclamam, ou, simplesmente, acham engraçado... ◀

**Associação Pais e Amigos HABILITAR**

Associação Pais e Amigos

**habilitar**



**Soc. Construções, Lda**  
Albino de Carvalho Amaral  
Beco da Rua de S. Tiago nº 12A 3860-301 - Estarreja  
Contactos: 966 016 811 / 234 022 882 acaconstrucoes@gmail.com

ORLANDO SOARES CARDOSO & FILHOS LDA.

**PADARIA FAMILIAR**

padariafamiliar@netvisao.pt

Padaria Familiar, rua das Paradas, Costa do Valado  
3810-799 Oliveirinha

Telef. 234942222  
Tlm. 967813025 / 965501906

**Limpeza de chaminés**  
(sem sujar)

**Desentupimentos esgotos**  
(c\ inspeção vídeo)  
deteção fugas de água

**935 708 706**